

# Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR:  
**CARLOS MALHEIRO DIAS**  
DIRECTOR ARTÍSTICO:  
**FRANCISCO TELLEIRA**

\*\*\*  
PROPRIEDADE DE  
**J. J. DA SILVA GRAÇA**  
\*\*\*

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Imprensa  
**Rua Formosa, 42-1158081**



A SENHORA DA PAZ NO ACAMPAMENTO DE BENAVENTE  
(Cliché de BENOJIEL)

Meio seculo de successo  
**ESTOMAGO**  
O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente  
**GASTRALGIAS, DYSPESIAS.**

A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris



**O Modo de Crescer mais Alto**  
E DE  
**Alargar os Ombros.**

Descoberta verdadeiramente espantadora que hade revolucionar a condição physica da humanidade.

Porque continuar a ser baixinhos e acanhado quando podereis aprender gratuitamente o segredo de como crescer altos ?

Por mais baixos que sejaes d'estatura ou por mais velhos que sejaes podereis sempre augmentar a vossa altura.



Nenhuma descoberta moderna tem atrahido tanto a attenção do mundo scientifico como aquella feita por K. Leo Minges, de Rochester, Nova York. O senhor Minges é para com os homens e mulheres d'estatura curta o que o Edison é para com a electricidade. Tem elle collido mais informações a respeito nos ossos, musculos, e nervos que qualquer outra pessoa vivente. Ha annos que a mania do Sr. Minges tem sido de fazer a gente crescer mais alta, e os resultados qu'elle tem obtido tem sido verdadeiramente maravilhosos. Por meio do seu methodo cada homem ou mulher que não tenha passado a idade de cincoenta annos pode fazer-se crescer de duas a 5 pollegadas em altura, ou seja de 5 c/m a 12 1/2 c/m, e qualquer pessoa d'idade maior podera augmentar a sua estatura d'umz forma perceptivel. O seu methodo tem sido approvado pelos medicos mais eminentes, e muitos collegios dos mais conhecidos o têm adoptado para o melhor desenvolvimento physico dos seus alumnos. Se desejaes augmentar a vossa estatura deveis ler o livro que vos ensina como esta descoberta maravilhosa foi feita e vos hade revelar o segredo de poder augmentar a vossa estatura. E gratuito. Não se vos pede que gasteis um só vintem se o desejaes mandar-vos-ehemos centenas de declarações de pessoas que tem crescido de 5 a 12 c/m com o uso do nosso methodo. Os resultados são rapidamente obtidos. Ha muitas pessoas que tem crescido tanto como 3 pollegadas, ou seja 7 1/2 c/m, em dois mezes. Não se tem que soffrer inconveniencia alguma, o fazer-se uso de drogas, medicinas, ou operações. Sera somente preciso applicar um principio scientifico no modo que é perfeitamente hygienico e innocente. Os vossos amigos mais intimos não precisaram saber o que estaes fazendo. Todas as communicações vos serão dirigidas em sobrescriptos confidenciaes, sem o nosso nome. O livro C. " Como augmentar a estatura " contem illustrações que ham de interessar e instruir todas as pessoas. Mil exemplares d'estes livros serão distribuidos absolutamente gratuitos, franco a domicilio, por todo o tempo que a edição presente dure. Se desejaes crescer mais alto, deveis escrever hoje mesmo, confidencialmente, para um exemplar. Endereço: THE CARTILAGE COMPANY, Dep<sup>o</sup> 1518 7, Avenue de l'Opéra, Paris. O porte das cartas Paris e de 30 reis, os bilhetes postaes sao de 20 reis.

Assinatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha		
Por anno	.....	4\$800 réis
• semestre	.....	2\$400 "
• trimestre	.....	1\$200 "
Assinatura co'juacta do "Seculo", "Supplemento Fumoris't'co do Seculo" e da "Illustração Portuguesa"		
Portugal, colonias e Hespanha		
Por anno	.....	8\$800 réis
• semestre	.....	4\$800 "
• trimestre	.....	2\$400 "
• mez (em Lisboa)	.....	707 "



**AGENCIA DE VIAGENS**  
R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

**Ernst George**  
SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo  
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.  
Cheques para hotels.

**Viagens baratissimas**  
À TERRA SANTA

**LOCAO DEQUEANT**

**CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS**

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvice e todas as affecções do couro cabeludo  
L.DUQUEANT Pharmacia 38, Rue Clichoucourt, Paris  
Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas  
A' Venda em todas as boas casas do PORTUGAL.

O GRANDE ESCRITOR  
FRANCEZ  
ANATOLE FRANCE  
PASSA EM LISBOA



De passagem para a República Argentina esteve, ha dias, em Lisboa, o eminente escritor francez Anatole France, o prozador delicado e primoroso, auctor de tao admiraveis obras

primas, que lhe conquistaram o primado indiscutivel da representação, actualmente, do genio latino na sua mais nobre e pura expressao de arte litteraria. As poucas horas que o paquete inglez *Amazon*, em que viajava o grande escriptor, se demorou na nossa capital apenas consentiram que lhe fossem prestadas as homenagens promovidas pelas associações de imprensa. A *Illustração Portuguesa*, affirma, por este modo, a sua alta admiração pelo maravilhoso e incomparavel artista.



1—Anatole France no claustro dos Jeronymos com o sr. dr. Magalhães Lima  
2—No regresso a bordo: Anatole France com o seu secretario sr. Bisson, os actores Silvain da «Comedie Française», o escultor Patin, os pintores Calmette e Pierre Scevola e o dr. Magalhães Lima (Clichés de BRNOLIKL).

# VIDA PARLAMENTAR

## · O DUELLO MOREIRA JUNIOR - CAEIRO DA MATA ·



1—O sr. dr. Caeiro da Matta e o sr. conselheiro Moreira Junior conversando com as suas respectivas testemunhas. 2—Os padrinhos carregando as pistolas. 3—O sr. dr. Caeiro da Matta despojando-se do relógio e da carteira. 4—O sr. conselheiro Moreira Junior recebendo a sua arma, e os srs. Mathias Nunes e Afonso Costa. 5—Depois do duello: o sr. Caeiro da Matta e o sr. Afonso Costa. 6—Depois do duello: o sr. conselheiro Moreira Junior, retirando-se com o sr. Carlos Ferreira (Clichés de BENOJEL)

# O DUELLO MELLO BARRETO —RODRIGUES —NOGUEIRA

Os recentes acontecimentos parlamentares deram origem a dois duellos de deputados: o primeiro entre os srs. Moreira Junior e Caeiro da Matta, que se realizou no dia 30 do mez



1—A chegada ao campo do professor Antonio Martins, director do combate, que acompanhou o sr. conselheiro Teixeira de Souza conduzindo os sabres  
2—O sr. Mello Barreto preparando-se para o combate  
3—Os medicos Drs. Augusto de Vasconcelos e Silva Araujo e o professor de esgrima Luiz Pinto Martins, depois da desinfectação das armas  
4—O sr. dr. João Pinto dos Santos, padrinho do sr. Mello Barreto, lendo ao sr. Rodrigues Nogueira as condições do duello

passado, trocando-se duas balas de pistola sem consequencias, e o segundo entre os srs. Mello Barreto e Ro-



drigues Nogueira, que se realizou á espada, no dia 2 do corrente, e de que resultou ficar o segundo dos contendores ferido no pulso direito.

A primeira pendencia realisou-se na Serra do Monsanto, no mesmo sitio onde se realisára já o duello Espregueira-Caciro da Matta, e a segunda na Ameixoeira.



1 e 3—Aspectos do duello. 2—O sr. dr. Silva Araujo pensando o ferimento do sr. Rodrigues Nogueira  
(Clichés de BENOLIEL)

*Terra Florida*, por JOÃO DE BARROS—Livraria Chardron de Lello & Irmão, Editores.

Eis aqui, por certo, um dos mais bellos livros da poesia portugueza contemporanea. N'esta obra, saudada pela critica com tão sentido entusiasmo, o illustre poeta do *Caminho do Amor* e das *Palavras Sãs* entôta com um poder verbal admiravel, de uma riqueza de rithmos e de um colorido surprehendedentes, com um alvoroço de mocidade que conforta, um hymno triumphal ás alegrias e aos prazeres fortes da vida. E' um livro optimista, este, e que singularmente destaca, entre o melancolico lyrismo portuguez, pela sua belleza varonil, como um dia radioso de sol entre pallidas noites de luar. A invocação a um suicida, com que abre a *Terra Florida*, é digna de figurar, entre outras poesias igualmente esplendidas, n'uma antologia da moderna poesia portugueza, não só pelos esplendores de technica que a revestem, como pela energia eloquente do doesto e pela fluencia inspirada que a anima e movimenta. Com este seu novo livro, João de Barros definitivamente abriu um logar de honra entre os maiores poetas da sua terra.



*La Réponse*—Quadro da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> Viscondessa de Sistello, exposto actualmente no Salon de Paris



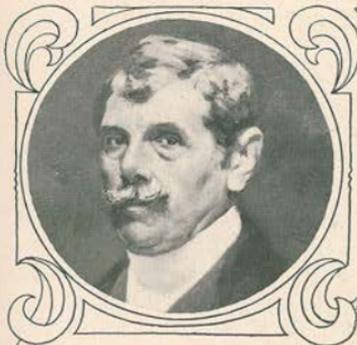
O príncipe Piajatipok, que ha dias esteve em Lisboa, é o quarto filho do rei de Sião e conta quinze annos de idade, sendo actualmente alumno do Eaton College, um dos mais notaveis e conhecidos estabelecimentos de instrução da Inglaterra. Aproveitando um periodo de férias, o príncipe realisou uma interessante digressão pela Andaluzia, acompanhado pelo seu preceptor, e que completou visitando Lisboa com seu primo o príncipe de Charoon, ministro plenipotenciario de Sião nos paizes latinos, que veiu agora a Portugal apresentar as suas credenciaes e incumbido de entregar a sua magestade el-rei o cordão da ordem do Elephante Branco.

O príncipe siamez visitou alguns dos principaes monumentos da capital e deu alguns passeios pelos arredores, affirmando levar da sua visita lisongeiras impressões.



1—O príncipe siamez Piajatipok

2—O sr. Guilherme Pinto Basto, consul de Sião em Lisboa acompanhando o príncipe  
3—O sr. dr. Joaquim Martins em Lisboa: O illustre estadista brasileiro com as pessoas de familia que o acompanham na sua viagem á Europa—(Clichés de RENOLTEL.)



Conde de Sabugosa

**Historiadores Portuguezes, conferencia realizada pelo SR. CONDE DE SABUGOSA na Liga Naval.**

Entre a serie de conferencias que de ha tempos veem realisando alguns dos nossos mais illustres homens de sciencia e de letras na sala da Liga Naval, destaca-se a que o erudito academico sr. conde de Sabugosa proferiu no dia 25 de Abril sobre *Historiadores Portuguezes*. Mo-



Eduardo de Noronha  
(Cliché FERNANDES)

dolo de uma conferencia litteraria pela sua elegancia de fórma, pela sua clareza de exposição, pelo seu poder de synthese, o trabalho magistral do sr. conde de Sabugosa merece ser meditado por quantos se propõem tratar o genero difficil da conferencia, para o qual se tornam indispensaveis recursos intellectuaes dos menos vulgares.

*O ultimo Marquez de Niza*, romance de costumes, por EDUARDO DE NORONHA—Magalhães & Moniz, editores. Eduardo de Noronha é um dos homens de letras que melhor souberam conquistar um publico fiel e numeroso, em terra onde tão pouco se lê. Nunca porém uma obra sua attingiu como n'esta monographia improvisada em romance, tão grande fluencia de fórma e tão pittoresco poder evocativo. A figura do marquez de Niza, talvez a mais singular da sociedade portugueza do seculo XIX, é analysada em todos os seus multiplos aspectos, e não sabemos o que mais admirar, se a tarefa laboriosa do investigador erudito, se o talento com que Eduardo de Noronha soube, sem prejuizo da verdade historica, transformar um estudo biographico do mais alto interesse n'um romance da mais elegante e perfeita factura.



A praça de S. Pedro em Roma, depois da cerimonia da beatificação de Joanna d'Arc  
(Cliché de CH. DELIUS)

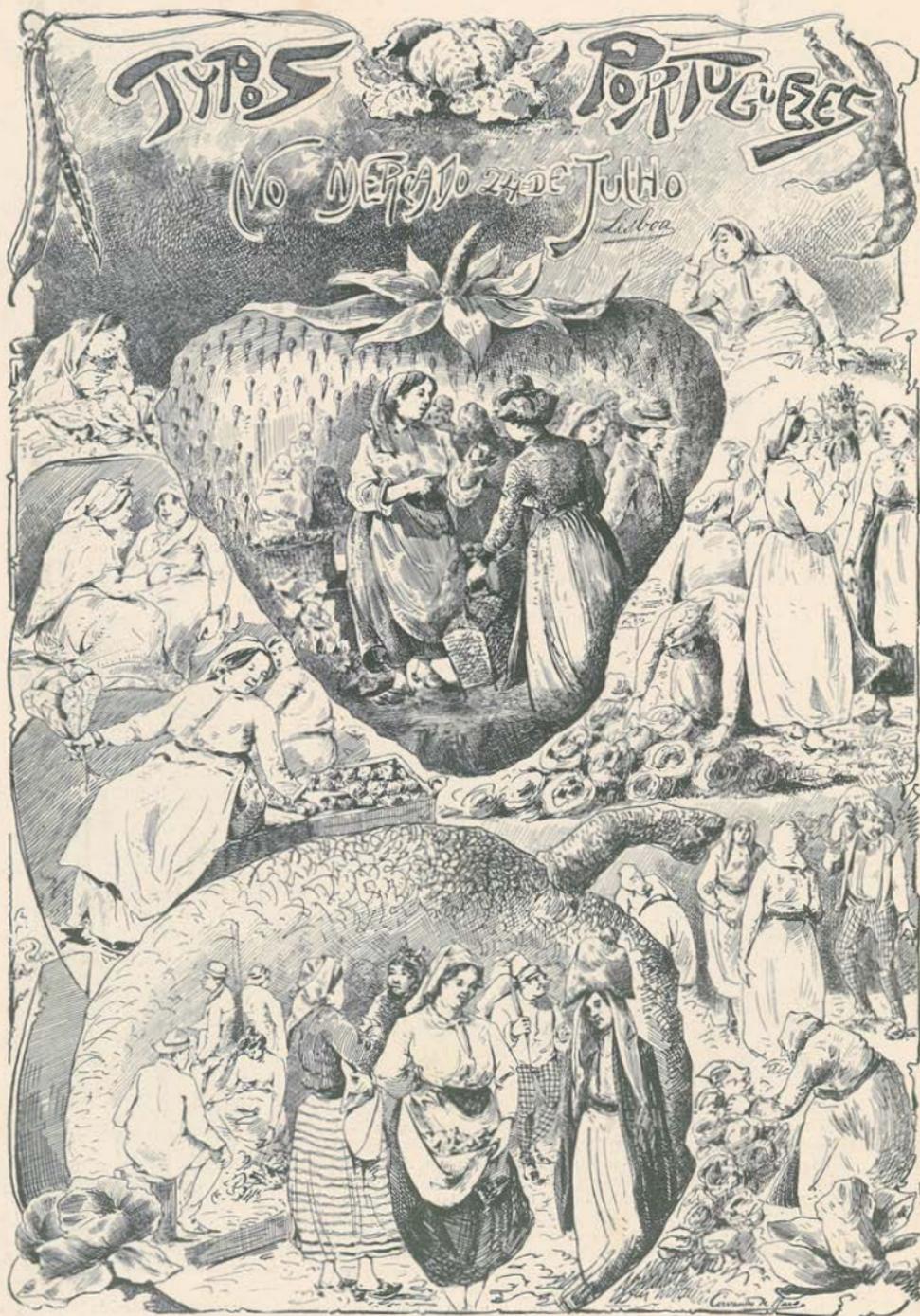


A primeira imagem sagrada de Joannina d'Arc  
(Cliché de CH. ABBENIACAR)

Foi no dia 18 do mez passado que se realisou em Roma, na basilica de S. Pedro, a cerimonia da beatificação de Joanna d'Arc, que a França desde ha tanto tempo desejava tornar objecto de seu culto religioso e que Pio X acaba de elevar aos altares com tão especial disvelo. Essa cerimonia revestiu effectivamente uma excepcional imponencia, não só pelo immenso concurso de peregrinos francezes, como pelos privilegios especiaes que foram consentidos, a ponto da beatificação da doce e gloriosa Pucelle de Orleans se assemelhar quasi a uma canonisação. Tambem não pôde restar muita duvida de que a heroína franceza, agora proclamada bemaventurada, não demorará muito que não seja feita santa, tão evidente é o empenho que a Igreja põe em vingar a memoria da piedosa criança que os padres fizeram martyr.

# TIPOS PORTUGUESES

NO MERCADO 24 DE JULHO  
*Lisboa*



# ATRAVÉS DOS ESCOMBROS DO RIBATEJO.

O TERREMOTO DE 23 D'ABRIL.

Ha um momento no anno em que a região alluvia entre o Tejo e o Sorraia se veste de tonalidades velludosas e se transfigura n'um paraizo. E' o primeiro mez de primavera. Fecundada pelas cheias proliferas do inverno, as terras desentranham-se em culturas mimosas. As searas enchem de verdes ondulações as planicies. Os trigaes, os centeeiros e os cevadaes estendem os seus felpudos tapetes pelas terras de sementeira. Nos prados, abeberados de agua, as manadas de eguas e de touros encontram o seu festim de herva tenra. Os horizontes alargam-se. A atmosphaera adquire uma luminosidade inexcével. A folhagem

das arvores, mal desabrochada dos seus gomos, é ainda de uma delicadeza e de uma frescura infantil. Pelas tardes serenas, quando as velas cõr de açafraõ das faluas e fragatas



1—O barracão das machinas da Companhia das Lezírias, em Samora, depois do terremoto

2—Aspecto de um acampamento na villa de Azamouja



Aspecto actual das unicas paredes da egreja parochial de Benavente que resistiram a derrocada

se illuminam aos ultimos clarões horizontaes do sol, os vultos dos campinos a cavallo, recolhendo as manadas, de pampilho ao hombro, recortam-se nos

azues desmaiados do céu como estampas. As vinhas afestoam as encostas, tão repolhudas de pampanos que parecem de longe immensos hortejos. As cego-



Os destroços da egreja de Benavente, reduzida a um monte de entulho

S. A. o Senhor Infante D. Afonso visitando as ruínas de Benavente





nas começam desferindo os seus lentos vãos rectilíneos sobre os mouchões. Os ares leves perfumam-se com os múltiplos aromas das flôres. A terra é ao mesmo tempo seara e jardim, riqueza e poesia. O pão cresce embalado pelos eflúvios do rosmaninho e da giesta. A fructa está ainda no estado rudimentar da flôr.

Foi por esta época de idyllica belleza, ao cahir da tarde de um dia de primavera, que sob a serena paz de um ceu imperturbavel, as regiões floridas do Ribatejo foram sacudidas por um tremor convulsivo, como se os proprios alicerces da terra se esboroassem.

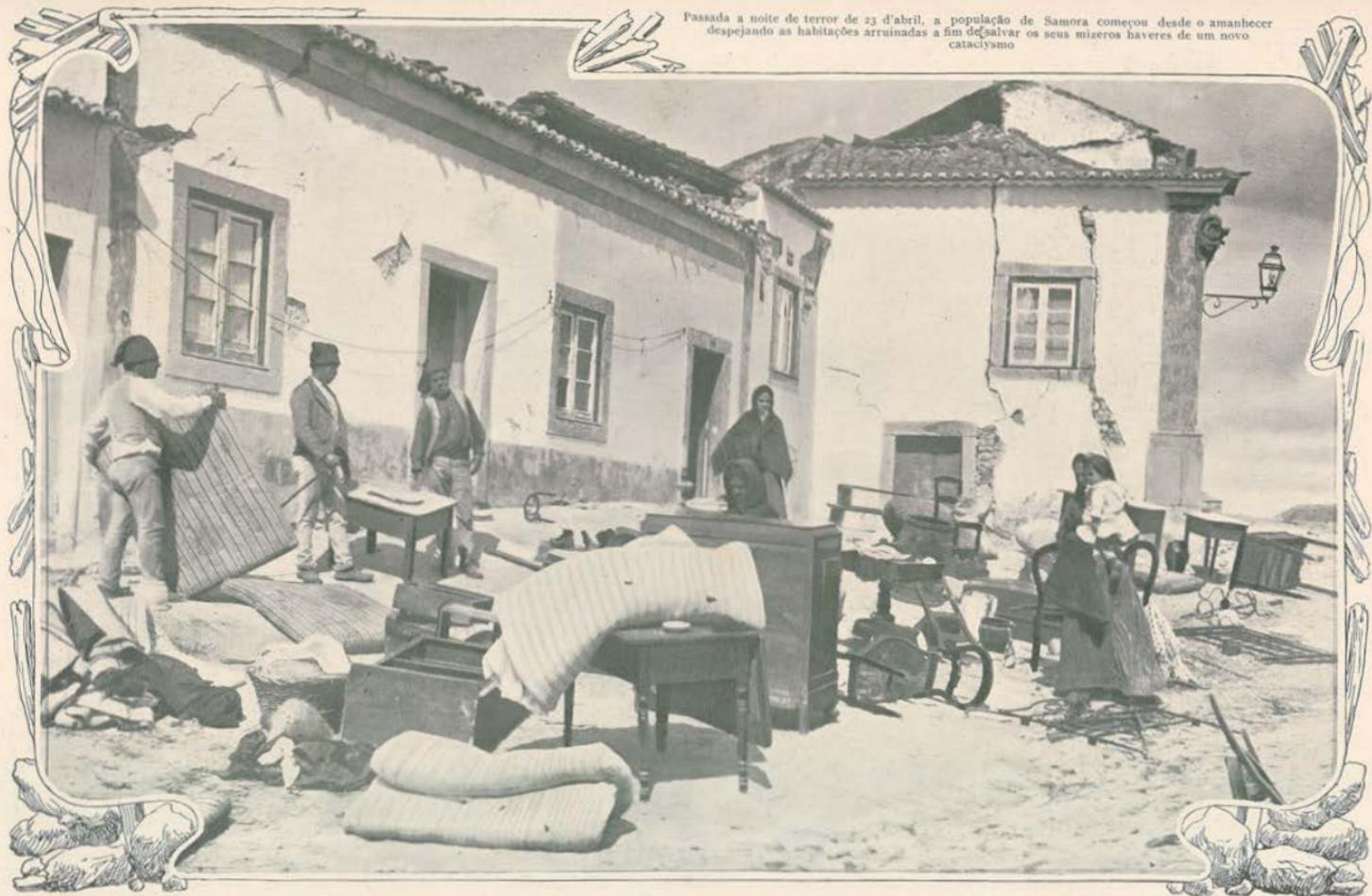


Nas torres das egrejas matrizes de Benavente e de Samora tinham soado pouco as cinco horas. A faina dos campos estava terminando. Crianças brincavam nas ruas. Mães embalavam berços. Subito, como um transatlantico no momento de largar, quando acordam no seu ventre profundo as trepidações resoantes das machinas e as aguas marulham á rotação poderosa das helices, um fragor subterraneo trespassa o solo, como o echo formidavel de um desabamento gigantesco, e tudo oscilla: as arvores vergam, as casas dancam, as torres inclinam-se, as paredes estalam. E' primeiro a sensação da queda n'um abysmo, como se a terra transformada em



1—Uma rua de Samora na manhã seguinte ao terremoto  
2 — Aspecto do acampamento mandado edificar pela Companhia das Lezírias em Samora

Passada a noite de terror de 23 d'abril, a população de Samora começou desde o amanhecer despejando as habitações arruinadas a fim de salvar os seus miseros haveres de um novo cataclysmo



onda se cavasse e logo, em refluxo, se reerguesse, n'uma colossal palpação. Depois, um tremôr convulsivo abala-a e varcea-a, em oscillações de trampolim. Sobre o rugido que ascende das profundidades geologicas, um maior fragôr abate. As casas sacodem de si as fachadas. Alluem os telhados. Desmoram-se as paredes. Uma nuvem de pó e de calça inça o espaço como a fumarada densa de um incendio. Durante quinze segundos, as povoações *jogam* como navios bailando n'um mar tempestuoso. E de segundo a segun-

gilidade miseranda, no espanto de haver sobrevivido, na duvida de que na vasta terra onde toda a sua obra jaz desfeita, o destino lhe permitta continuar respirando e vivendo. Torres de egrejas, que havia dois seculos, assentes em fundos alicerces, erguiam para as nuvens os seus cataventos de ferro, tinham-se pulverisado. Só o homem fragilissimo vagueava entre as ruinas. Já a noite vinha espalhando os seus primeiros véos ligeiros de penumbra na atmospheraz azul, de onde o sol se ausentava; e as populações de *resuscitados*, encontrando em si as



S. A. o Senhor Infante D. Alfonso nas ruas de Benavente

do, como a simultanea salva de cem fortalezas, estrondeiam as derrocadas, interceptando o caminho aos que fogem, calando sob os seus trovões o alarido dos espavoridos animaes humanos, que vagueiam entre a poeira e as ruinas.

Mas já agora a terra serena. Aos poucos, a poeira ascende, como um panno de teatro, descobrindo o espectáculo medonho. Só ainda a humanidade treme, reduzida á sua fra-

resignações heroicas dos antepassados prehistoricos, que viviam entre quasi permanentes cataclysmos, accomodam-se nas praças, longe dos lares, convertidos, de refugios que eram, em ameaças de morte, e reúnem as familias, e reorganizam sem demora, no meio da devastação e do terror, essa coisa espantosa que é a sociedade humana. Que importa que as mulheres solucem e chorem, que os homens tremam,



1—Um aspecto do acampamento do Terreiro de Moinhos, em Salvaterra  
 2—N'uma rua de Samora  
 3—Uma refeição no acampamento de Benavente  
 4—Uma família sem lar  
 5—A construção de um novo lar em Salvaterra



*En forma de informe*

*Después: Tránsito del material con asistencia de personal del Cuerpo de Bomberos y oficinas de trabajo social de la república.*



alarmados e vencidos? N'esse tremendo cahos, a família resiste, como uma obra indestructivel. Os corações não se perdem na confusão da hora sinistra. Como d'antes, as mães estão rodeadas dos filhos, sob a guarda vigilante dos paes.

Póde ter-se subvertido tudo, mas sobre as ruínas, passados os primeiros instantes de desnorteamto e de pavor, o homem humilimo reergue a sua cabeça de gladiador condemnado a lutar eternamente, e de novo a natureza apaziguada submete-se á sua illu-

soria realza. Pois que ! Não vem elle assistindo, desde as remotas e obscuras edades, aos lances pavorosos dos cataclismos, dos desastres e das guerras? As villas devastadas renascerão ámanhã das suas cinzas. Sobre o mesmo solo da hecztombe, o homem reedificará o seu lar. A lembrança da hora terrivel não o impedirá de amar, de procrear, de multiplicar-se...

Não seria difficil, com os depoimentos dos sobreviventes da catastrophe, evocar essas horas de terror que para as povoações de Salvaterra, Benavente, Samora e Santo Estevão mediaram entre o escurecer de 23 de abril e o clarear do dia 24. Passados os primeiros momentos de pânico, evacuadas as casas, refugiadas as famílias na largueza das praças, o homem, entregue á alegria de sentir-se salvo, não mediu toda a intensidade da desgraça que o attingira. Os que de Benavente e Samora fugiram espavoridos e tomaram pelas estradas são uma insignificante minoria. O grosso das populações não desamprou as villas desmornadas. Emquanto a luz do dia o consentiu,



1—O acampamento de Salvaterra de Magos  
2—Uma venda improvisada no acampamento de Salvaterra

socorreram-se os feridos, procuraram-se de rua em ruas famílias dispersas. As mães entraram resolutamente nos lares em ruína para lhes arrancarem dos escombros os berços dos filhos. Depois, a noite fechou a sua pesada palpebra. Acampada ao ar livre, n'um escaurço de soluços e de choros, a população aguardou que amanhecesse. De tempos a tempos, a derrocada de um prédio enchia a noite de estrondo. Era como se contra Benavente invisíveis baterias estivessem intervalladamente despejando os obuzes. Os feridos, deitados em enxergas, gemiam. A espaços, elevavam-se os sussurros das rezas. Homens que voltavam de heroicas pesquisas através das ruínas iam trazendo aos acampamentos as notícias das mortes. Então propagavam-se os lamentos. A toada das rezas recrudescia. De entre os escombros da igreja tinha sido retirada a imagem enorme de um Christo crucificado, em volta de cuja negra cruz estilhaçada pelo vertice as mulheres e as crianças se comprimiam, entoando ladainhas. O somno ia já piedosamente atenuando as excitações do pânico. Havia gente que dormia ao lado de feridos que gritavam...



As primeiras luzes da manhã iluminaram finalmente as villas derruidas. N'um silencio profundo, as populações puderam contemplar todo o horror do espectáculo que a aurota lhes desvendava. A terra, não reposita do abalo, estremecia ainda em pequenos fremitos convulsivos. Soldados, vindos de Santarem, vigiavam as ruínas. Para acudir aos feridos improvisavam-se hospitaes de sangue. A' porta do cemiterio de Benavente, deitados em esteiras, quatorze cadaveres ensanguentados aguardavam que a enchada do coveiro



1—As barracas da Cruz Vermelha installadas na praça Anselmo Xavier, em Benavente  
2—Um aspecto da praça Anselmo Xavier, em Benavente, na manhã do dia 24

lhes abrisse, n' a quella mesma terra homicida, o de rradeiro abrigo. Nao precisaria de ser bem extenso o coval. Eram na sua maioria crianças que pejavam as osteiras com os seus corpinhos dilacerados. Ao lado, na capella, cuja fachada alluira quasi por completo, a Senhora da Paz, com a sua corõa de prata e o seu manto de seda branca, parecia contemplar a villa arruinada. No acampamento, uma mulher, caindo de joelhos, gritou:

— A Senhora está a olhar para a gente!

Logo o grito se propagou,

e uma multidão de mulheres precipitou-se para o largo da Paz, penetrando na capella em ruínas, apeou a imagem do altar, trazendo-a em procissão para o acampamento, onde a depuzeram entre velas accesas, como um divino, preservador fetiche. Com este episodio termina, pôde dizer-se, o primeiro acto dramaticamente movimentado da catastrophe. Nenhum lance posterior o vence em

tragica emoção. O terrivel drama prosegue desde essa hora com a monotonia pungente e a grandiosi-



1—O sr. John Walter, redactor do *Times*, visitando as ruínas de Samora, acompanhado pelo medico da localidade, sr. Correia d'Almeida  
2—Soldados trabalhando na alluiação das casas arruinadas

Um episódio de acampamento em Salvaterra: o desconforto em que vive uma família inteira





dade sombria de todas as dôres humanas quando entram na fase da resignação. Por isso os jornalistas, acudidos precipitadamente de Lisboa na manhã de 24, e obrigados a fazer um longo desvio no trajecto por Santarem, debalde procuraram as scenas de dramatica violencia—unicas que podiam comunicar ás suas descrições o vigor theatral digno de accommodar-se aos horrores patheticos do scenario. Os milhares de visitantes que, ou descidos na estação de Muge, ou tendo atravessado o Tejo em Villa Franca ou seguido pela estrada de Almeirim, chegaram a Benavente na tarde de 24, depararam com uma população emmudecida, empilhada n'uma vasta praça arborisada, envolvida em ruinas, guardada pela tropa, e occupada em construir, com taboas apanhadas nos escombros e velas arancadas das fragatas, emprovisados lares, onde a sua miseria pudesse repouzar. Nem escarcêus de gritos e lamurias, nem revoltas de dôr e desespero. O formidavel drama apaziguára-se n'uma resignação heroica. Havia quando muito, nas physionomias de-

compostas, o aneio sobresaltado da fome. Escasseavam os mantimentos. Por algumas faces deslisavam ainda as lagrimas, mas silenciosamente. Os mortos jaziam já no seu coval humilde. Os bombeiros removiam os escombros á procura de novos cadaveres. Os feridos eram transportados em maca para Lisboa. Todos esses detalhes lancinantes não con-



1.—Tudo o que restá de um lar  
2.—O exodo das povoações assoladas pelo terremoto



*Ao Desamparo*

Esta photographia archiva um dos episodios mais commoveedores dos acampamentos, a que o infortunio das crianças empresta uma emoção dolorosissima



mora, vinte e quatro horas depois do cataclysmo, todas as casas que ameaçavam desabar tinham sido escorradas. Pela villa silenciosa e deserta apenas ressoavam os passos dos forasteiros, avidos de emoções violentas, e que os habitantes guiavam, mostrando o entulho ensanguentado de onde havia sido removido o cadaver de um namorado, morto sob a fachada do predio da sua noiva, ou o quarto onde uma pobre mãe

seguiam porém modificar a terrivel serenidade apparente, que o olhar apprehendia. Benavente era apenas um arraial pittoresco entre uma paliçada de ruinas. A vida recomeçará, com as suas necessidades imperiosas. A's casas arruinadas, os habitantes iam buscar os moveis indispensaveis á vida rudimentar que lhes impuzera a catastrophe: enxergas, roupas, utensilios de cosinha. Methodicamente, sem pressa, outros transportavam e empilhavam os miseros haveres. Furtivamente, enganando a vigilancia das sentinellas, uma criança de dez annos subia a um segundo andar á procura da boneca. Por todo o largo ambito da praça ressoavam os martellos. Cada um se improvisava carpinteiro. Uma immensa azafama enchia de laborioso ruido o acampamento. Os materiaes de construcção iam buscar-se aos entulhos. Homens passavam acarretando taboas e vigamentos. Diante das casas abandonadas, o respeito pela propriedade attingia um tão prodigioso escrupulo, que um homem atravessava a villa para ir repôr, com perigo de vida, na loja do ferrador, em frente á egreja, o martello que lá fôra buscar horas antes para construir a sua barraca. Nunca maior desgraça revestiu uma mais serena apparencia. Em Sa-

ficára sepultada sob a calça, com a cabeça do filho enterrada no peito...  
 Por toda a parte a mesma confrangedora resignação perante o desastre irremediavel: uma resignação cheia de nobreza, como se a propria enormidade da catastrophe tivesse fortalecido as almas com uma coragem heroica. Nem uma só mão se estendia para a esmola. Nas villas reduzidas á miseria não havia um mendigo. Apenas se alguma criança pedia pão. E n'essas mesmas impressionava o estoicismo, talvez inconsciente, que retocava de uma estranha energia os seus doces olhares esgaseados. O pavoroso drama mantinha assim uma solemnidade commovente, que lhe aggrava a pathetica grandeza.



1—A pequenina Maria Fálua, momentos antes da operação, realisada n'uma casa de Benavente  
 2—O cemiterio de Benavente, onde repousam as victimas do terremoto



A visita do chefe de Estado a Azamboja



1—O sr. arcebispo de Evora visitando Benavente  
2—O desembarque dos feridos em Lisboa, no arsenal de marinha



- 1—Na rua da Escola Polytechnica em frente do palacio Palmella a frente do bando
- 2—Deitando o seu obolo
- 3—Uma esmola infantil
- 4—No largo do Rato; bombeiros municipais
- 5—Bombeiros voluntarios de Lisboa

Seria para desejar que a grande tragedia ribatejana encontrasse, entre os que a ella assistiram, o historiador minucioso e eloquente, que lhe archivasse os episodios dramaticos, projectando sobre elles a luz veri-

dica de um depoimento testemunhal, antes que a verdade irremediavelmente se desfigure na confusão das notícias contradictórias ou na dispersão da reportagem jornalística.

N'este momento ainda, só os que visitaram o lugar da catastrophe teem da sua importancia a visão intensa e conflagradora, mas esses mesmos, perante as villas derruidas, ao caminhar por entre os seus escombros, não podem senão imperfeitamente evocar o grande



lance da tarde do dia 23 de abril.

Como subsidio para a reconstituição visual da catastrophe, a *Illustração Portuguesa* publica n'este numero a vasta serie de clichés que o seu redactor photographico, J. Bencliel, poudo obter desde o

dia 24.

A documentação graphica, tão completa, que fornecemos a respeito das regiões de terra flagellaram, possui um valor indiscutivel, que os nossos leitores cederão

tamente não de reconhecer.



1—Em Benavente:—O dr. Anselmo Xavier falando com o sr. dr. Bernardino Machado e com o sr. Queiroz de Magalhães, medico em Muge

2—O último cadáver

Sobre a esteira, no cemiterio, vê-se o cadaver de uma creança acabado de remover de entre os entulhos de uma casa, em Benavente (Clichés do DR. SAMUEL MAIA)



*Na Asambuja: Mulheres do povo beijando as mãos a El-Rei, agradecendo-lhe ter ido ali; ao lado o parcho e por detrás o coronel Costa e D. Luiz de Castro, ministro das obras publicas*



*Em Alhandra: O sr. conselheiro Cabral Metello, governador civil de Lisboa, indica a El-Rei algumas das casas que ameaçam ruína*



4 nova visita d'El-Rei ás terras flagelladas:

- 1—*Em Alhantra*: El-Rei vendo a casa onde nasceu o professor Souza Martins, e que está sendo demolida. 2—*Em Coruche*: El-Rei saindo da camara municipal, cujo edificio está em ruínas. 3—*Na Azambuja*: El-Rei com o sr. governador civil de Lisboa e rodeado de creanças do povo. 4—*N'uma das ruas do Casalinho, no Cartaxo*. 5—*El-Rei no acampamento do Carregado*. 6—*Na Azambuja*: El-Rei redigindo telegrammas para o presidente do conselho, tendo a seu lado o engenheiro sr. Alberto Monteiro



O acampamento de Benavente

(Clichés de RENOLIEL)